



6

Vinhedos do Cabo

À medida que viajávamos de Suellendam para Stellenbosch, começamos a avistar uma paisagem mais verde, ao longo da rodovia N2. Apareceram alguns campos de trigo, recém colhido, bem como, logo, logo, as primeiras videiras encantaram a nossa vista. Em comparação à vegetação pouco espessa e um pouco seca dos dias anteriores, foi uma delícia entrar nesse novo ambiente.

O trânsito foi se tornando mais denso, já que, nessa direção pela Garden Route de oeste para leste, estamos nos aproximando de Cape Town. Nos semáforos que, na rodovia, controlavam o acesso às principais cidades que se alinham no litoral, já se via inúmeros vendedores (todos negros, é claro).

Vendiam tudo – água, frutas, bugigangas – e estavam na pista oposta à nossa porque, sendo sábado, o movimento maior era no sentido contrário, ou seja, o que resultava da saída dos moradores de Cape Town para passar o final de semana fora da cidade, suponho eu.

Paramos para almoçar, antes mesmo de nos hospedarmos, num restaurante indicado no guia, como muito interessante, porque suas mesas estavam sob carvalhos, com vistas para as videiras. Nada mais adequado, já que estávamos entrando na região conhecida como “Vinhedos do Cabo”.

Nosso “Manuel” estava com alguma dificuldade de localizar o “Terroir Restaurant” (esse era o nome indicado no guia), mas observa daqui, olha dali e vimos a entrada para a propriedade Kleine Zalze, nome também indicado no guia, como referência para o restô.

Qual não foi nossa surpresa, ao ver que não se tratava apenas de um vinhedo com restaurante, mas de um imenso complexo, ao qual se agregaram, recentemente, como imagino pela idade das edificações, dezenas de residências de médio e alto padrão, como áreas residenciais fechadas, além de um campo de golfe.

Trata-se de uma verdadeira *edge city*, como foram conceituados esses espaços nos Estados Unidos. Havia a portaria inicial, onde tivemos que nos identificar, colocando informações, como telefone de contato e número do passaporte, e havia cancelas internas, dando acesso às diferentes áreas residenciais que ficavam à meia encosta. Elas se localizavam entre o lago e os vinhedos que estavam na parte mais elevada topograficamente, na mesma encosta voltada para o norte, de modo a receber o sol, como convém aos vinhedos e às casas de alto padrão, num país em que o inverno parece ser rigoroso. Entre o lago, na porção mais baixa do terreno, e o restaurante, na meia encosta, estava o campo de golfe, além dos armazéns, onde se localizavam os tonéis de envelhecimento do vinho da Casa Kleine Zalze.

Stellenbosch está a cerca de 30 km da Cidade do Cabo e é a entrada para essa região dos “Vinhedos do Cabo”. A propriedade Kleine Zalze está a meio caminho entre a Cidade do Cabo e ela, tendo, portanto, uma situação geográfica estratégica. Nos dias de hoje, mais do que nunca, os incorporadores vendem a acessibilidade e a paisagem, além da distinção social, e essa localização parece reunir maravilhosamente todas essas qualidades.

A tendência à implantação de áreas residenciais fechadas tem me parecido muito significativa, na África do Sul, reproduzindo o que se observa em toda a América, com maior destaque para EUA e alguns países da América do Sul, entre eles o Brasil. O que me chama atenção, por aqui, é que esse tipo de *habitat* urbano, embora se identifique bastante com o que já temos estudado no Brasil, em termos de dinâmicas de segregação socioespacial e controle à acessibilidade urbana, tem suas especificidades. Uma delas, por exemplo, é a de maior incidência desses empreendimentos fora das cidades (pelo pouco que pude observar, porque não se trata de uma pesquisa), aproveitando-se de paisagens não urbanas, tanto aquelas relativas a reservas naturais como as concernentes a propriedades rurais.

Em toda região de polarização imediata de Cape Town, essa lógica locacional veio combinada com os vinhedos, como viemos a observar, nos dois dias seguintes, nas

áreas vinícolas de Franschhock e de Paarl a noroeste da Cidade do Cabo e na área de Constância ao sul dessa cidade. Em todos esses espaços, vimos muitos *habitats* concentrados de acesso exclusivo, que são do tipo urbano, mas se encontram fora das cidades, próximos a reservas, parques ou áreas vinícolas.

Como esse é uma linha de pesquisa, que Eda e eu vimos desenvolvendo no Gasperr, várias questões me vieram à mente, imediatamente: Teriam surgido as áreas residenciais fechadas e se ampliado depois do fim do *apartheid*? Haveria negros morando nesses espaços? As clivagens sociais, do ponto de vista econômico e não racial, teriam peso importante como têm no Brasil? O discurso sobre a insegurança será que é aproveitado como *marketing* pelos incorporadores?

Bem, vamos deixar as questões para uma pesquisa futura (quem sabe?) e voltar para diário da viagem, propriamente dito, destacando algumas imagens sobre a propriedade visitada.





Fotos da Propriedade Kleine Zalze: Nas duas fotos anteriores, as áreas de vinhedo, tendo ao fundo uma linda cadeia de montanhas que ajuda a compor o conjunto paisagístico tão bem aproveitado pelos incorporadores. A seguir, algumas perspectivas das áreas residenciais fechadas, que estão edificadas nessa propriedade de frente para o lago, que não consegui registrar na foto, porque não pude passar as cancelas internas que levam aos setores residenciais. No geral, observamos o mesmo tipo de aparente contradição que notamos no Brasil, que é a exigüidade dos terrenos de cada residência, ou seja, se vende e se compra a ideia de uma vida no campo, mas a densidade construtiva é grande, como se vê nas fotos, porque quanto mais parcelada for a gleba, maior a renda fundiária obtida pelos empreendedores.





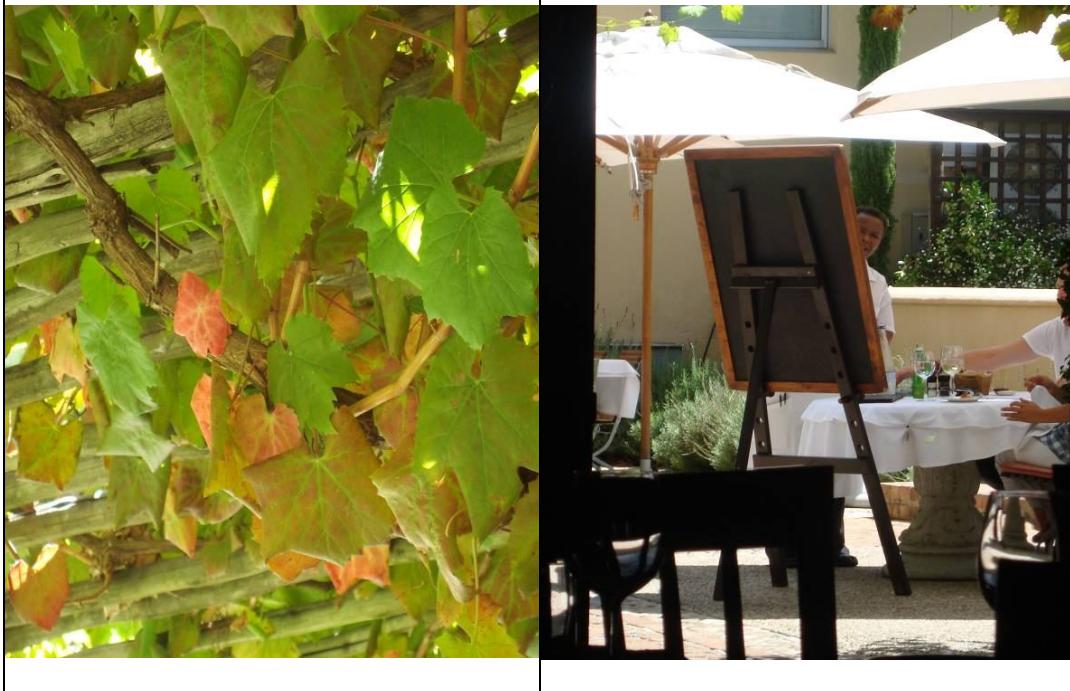
De fato, o Terroir Restaurant, localizado nessa propriedade, é um restaurante especial. Além da maravilhosa situação geográfica, a cozinha é muito boa. Ambos escolhemos risoto (o do Eliseu era de frutos do mar e o meu de *champignons*).

A *maître* do restaurante era uma jovem insossa, que rapidamente nos informou que não podíamos permanecer no pátio ou na varanda porque não havíamos feito reserva. Ah, os restaurantes e as reservas na África do Sul!!! Se você não tem reserva, já é tratado como gente de segunda categoria!!! Além do mais, Eliseu estava de bermuda, aspecto que só notamos depois, quando observamos que a maioria estava trajada de “esporte fino”. Não seria assim que a Gloria Kalil denominaria o estilo inglês de ir ao campo?

Resolvemos ficar assim mesmo, apesar da primeira atitude da *maître*, e tudo valeu a pena, porque conhecemos a garçonete Cindeline, que conversou sobre tudo. Ela parecia que vinha trazer cada coisa de uma vez à nossa mesa, como uma forma de ter mais oportunidades de conversar. Para mostrar que ela estava gostando do bate papo, trouxe para o Eliseu, por iniciativa própria, uma taça pequena de Shiraz. Segundo ela, aquele era seu vinho preferido naquela vinícola e sugeriu que ele fosse comparado ao Pinotage escolhido por ele. Quando perguntamos se ela havia feito enologia ou havia aprendido sobre vinhos com a experiência do restaurante, ela, simplesmente, sem vaidade alguma, disse: “Não, apenas leio esses comentários que estão aqui atrás

no rótulo da garrafa e, assim, fico sabendo quais são os melhores vinhos aqui dessa vinícola". Cindeline era tão simpática e o restaurante tão bonito que resolvemos fazer reserva para a próxima 3^a. feira (hoje é sábado), nosso último dia nessa região da África do Sul. Depois, acabamos não voltando ao restaurante porque havia muita coisa interessante a ser vista no dia agendado. Pela primeira vez que havíamos feito a reserva, não pudemos usufruir dessa situação tão "especial" e adequada para os maîtres sulafricanos.

Três fotos do Restaurant Terroir – a parreira que cobre o pergolado no pátio, - o cardápio que é uma lousa, que é levada à mesa de cada freguês que quer fazer sua escolha, - eu junto com a Cindelinem, na página seguinte. Ela ficou encantada de saber que no Brasil, o inverno também é no meio do ano, como na África do Sul.



A referência à Cindeline é uma boa oportunidade para escrever um pouco sobre os negros aqui da África do Sul. Já registrei que são simpáticos, alegres e, muitas vezes, bastante bonitos. No entanto, vou escrever mais um pouco, para ver se passo para o papel o tipo de alegria deles.



Fazer algumas comparações talvez me ajude: também nos referimos aos brasileiros como alegres, mas a alegria deles é totalmente diferente. Uma das peculiaridades é que eles fazem tudo depressinha, mas não correndo. Como assim? Nunca demonstram que estão estressados e nunca fazem as coisas como se quisessem terminar logo, mas fazem rapidinho. A imagem que eles me passam é de que são serelepes, sim essa palavra é boa para falar da alegria deles, é uma **alegria serelepe**.

Nos postos de gasolina, por exemplo, eles ficam com bandeiras coloridas, agitando-as sem parar, bem próximos ao meio fio, quase nas ruas, para atrair os fregueses. Quando você entra, eles dão uns saltinhos alegres, vão seguindo o automóvel, chamando atenção dos outros frentistas para o fato de que atraíram um freguês e, prontamente, dois ou três estão te atendendo. Eliseu sempre entabula uma conversa e daí logo vem a informação de que somos brasileiros e a conversa sobre futebol e Copa do Mundo. Eles sempre sabem o nome de alguns jogadores e de técnicos da nossa seleção (vi mais de uma vez o Parreira ser citado. Robinho, Kaká e Ronaldinho são os mais lembrados)...

Outra peculiaridade dos negros daqui é que têm grande apreço pela oralidade, o que, suponho, deve ter relação com a origem de suas culturas, cujas bases de transmissão são, sobretudo, orais. Eles falam o tempo todo, sem parar, em tom alto e alegre. Estão te atendendo no posto, no restaurante, no guichê do pedágio e estão falando com o colega do lado (no começo a gente sempre achava que era com a gente). Quando não estão falando, estão cantando. Hoje entrei num banheiro num parque e a senhora que fazia a limpeza, cantava o tempo todo. Observamos esse mesmo hábito, na rua: um jovem andava sozinho e cantando. Logo depois cruzamos com um senhor idoso que também vinha cantarolando....

Outro aspecto da personalidade dos negros daqui, que achei sensacional, é que, quando recebem uma gorjeta, saem correndo mostrando para os colegas de trabalho (vi isso no posto de gasolina e no restaurante), denotando que vão dividir com eles o que ganharam. Nem sempre observamos isso no Brasil e é comum que fiquemos preocupados, quando damos uma gorjeta, se o que abasteceu vai passar a parte que deixamos para o que limpou o vidro, por exemplo.

A hipótese que elaborei, para essa solidariedade entre eles, é de que as raízes de vida comunitária aqui na África do Sul, ainda são muito recentes, tanto porque o país se urbanizou recentemente (do ponto de vista do longo processo de urbanização) como, em função do *apartheid*, a consciência sobre o pertencimento a uma dada nação negra, deve ter ocasionado a permanência de vínculos que, no Brasil, já se esgarçaram há muito tempo.

Aliás, essa alegria serelepe dos negros sulafricanos me ajudou a encontrar uma explicação para a aparente baixa animosidade entre negros e brancos, por aqui, apesar do período de *apartheid* longo, terrível e recente, porque a queda das leis que protegiam essas práticas é muito recente. Somente a partir de Mandela a igualdade, entre negros e brancos, perante a lei, passou a vigir. No geral, não se vê nos semblantes e atitudes dos negros, qualquer tipo de arrivismo, como se sente nos EUA, o que não quer dizer que as dificuldades não estejam presentes, mais ou menos

latentes, mais ou menos resolvidas, mais ou menos ativas, apesar das leis. Dez dias é muito pouco para que eu possa emitir qualquer opinião valiosa sobre o tema, tudo que escrevi são impressões.

Vamos voltar a Stellenbosch.

Nossa hospedagem nessa cidade foi numa *guest house* ao longo de uma estrada secundária cercada por montanhas e vinhedos. Chama-se "DeKraal Country Lodge". Nosso apartamento fica numa das edificações que compõem essa *guest house*, com outros dois apartamentos, havendo para essas acomodações uma piscina exclusiva, cuja grande qualidade é a maravilhosa vista das montanhas que cercam essa região vinícola (veja nas fotos seguintes).



Nessa *guest house*, demo-nos conta de que o café da manhã ao ar livre é uma instituição na África do Sul. Já não era a primeira vez, que essa refeição era servida abaixo de árvores ou de um pergolado, mas sempre ao ar livre. Fiquei me perguntando por que não temos isso no Brasil e imaginei que uma explicação pode estar no fato de que as temperaturas médias são mais altas, em nosso país, do que na África do Sul, onde mesmo no verão, as temperaturas caem durante a noite e temos um amanhecer bastante fresquinho. De qualquer modo, a gente deveria, no Brasil, experimentar essas práticas porque realmente é muito agradável.



A foto do café da manhã no “DeKraal” ficou meio escura, de tão frondoso que era o carvalho sob o qual estavam as mesas. Os cafés da manhã, neste país, parecem-se bastante com os que temos nos hotéis dos EUA, ou seja, fartos e variados como o dos melhores hotéis brasileiros, mas tendo ainda muito bacon, salsichões e outros alimentos fortes para o nosso paladar matutino.

O passeio por Stellenbosch foi muito bom. Trata-se da segunda cidade fundada na África do Sul. Tanto quanto Cape Town (a mais antiga) como quanto Suellendam (a terceira), a iniciativa foi da Companhia Holandesa das Índias Orientais, talvez a primeira multinacional da história do capitalismo. Em Cape Town, as marcas dessa origem não estão mais tão presentes, mas em Stellenbosch, como tínhamos visto em Swellendam, muitas edificações do centro histórico guardam vestígios tanto da arquitetura holandesa, quanto da inglesa, cuja influência foi posterior, misturado com elementos dos sistemas construtivos das nações negras da África. As fotos abaixo não nos possibilitam ver que, em muitos casos, o telhado é de sapé, como já registrei em relação ao Kapama Hotel e às edificações de Suellendan.



Acima, à esquerda, temos a Rhenish Church, que ocupa prédio que foi edificado como primeira escola para filhos de escravos em Stellenbosch. O interessante é que passamos pela sua porta no momento da cerimônia religiosa do domingo e foi possível observar que eram negros os que acompanhavam a liturgia. À direita, acima, a edificação que era ocupada pelo antigo paiol de pólvora construída pela Companhia Holandesa das Índias Orientais. Abaixo à esquerda a St Mary's Cathedral de Stellenbosch e à direita os sinos que foram construídos em anexo à Rhenish Church.



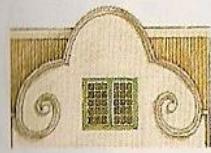


Acima, a edificação “La Gratitude”, cujo frontão tem um alto relevo representando o olho de Deus, que tudo vê (desculpem a foto sombreada, mas juro que tem um olhão enorme acima da janela).

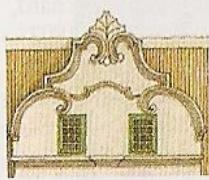
Essa elevação que se sobressai, no frontão das construções, escondendo o beiral do telhado, ou em sua parte central, ou em alguns casos, nas duas laterais, quando a edificação é extensa, é um dos elementos importantes de composição das fachadas características de toda a arquitetura sul-africana de influência holandesa. Esse adorno é chamado de **empena**. Segundo a explicação contida no guia, quanto mais alta e mais trabalhada fosse a empena de uma edificação, mais importante eram seus moradores. No caso da foto acima, trata-se de uma empena bem destacada, mas hoje, nesse prédio, funciona um restaurante, como nós podemos ver na foto ao lado, em que as mesas para o almoço ao ar livre já estavam sendo arrumadas no meio da manhã.

Na figura abaixo, há uma sequência de empensas.

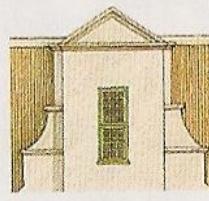
EVOLUÇÃO DO PROJETO DAS EMPENAS



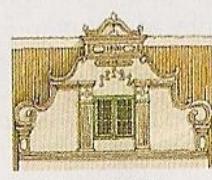
A Casa do Governador (1756) é um exemplo de modelo côncavo ou lobulado.



Libertas (1771), com empêna convexo-concava, em estilo barroco do Cabo.



Klein Constantia (1799) tem empêna clássica, inspirada no Renascimento italiano.



Nederburg (1800) exibe recortes e linhas convexas e côncavas, com pilares baixos.

Esse domingo, 14 de fevereiro, era na África do Sul, o Valentine's Day, ou seja, o Dia dos Namorados. A cidade estava especialmente alegre, porque todos os cafés e restaurantes já estavam com as mesas arrumadas, com flores, para atender as reservas feitas para as refeições. Pelo que vimos, as comemorações começavam com o café da manhã, pois havia vários casais aproveitando o sol da manhã de domingo, nas mesas próximas às calçadas ou nos fundos dos cafés, embaixo das árvores.

Seguimos nosso passeio pelos vinhedos, na direção de Franschhock, uma graça de cidade. Como ela surgiu? Em 1694, a Companhia Holandesa das Índias Orientais doou terras para 200 famílias francesas. Eram huguenotes, que tinham interesse em deixar seu país de origem, em função das perseguições que os protestantes estavam vivendo, uma vez que a coroa francesa estava fortemente alinhada ao papado para fazer do catolicismo a única religião aceita naquela monarquia.

Essas famílias vinham da área rural francesa e trouxeram, com elas, o "saber fazer" relativo ao cultivo da uva que introduziram, imediatamente, na África do Sul, com as cepas que vieram na bagagem, o que ajuda a entender porque, neste país, há, hoje, grandes vinícolas e bons vinhos.

Franschhock tem um bonito monumento – Huguenot Monument - em homenagem aos franceses pioneiros, ao lado do qual está o Huguenot Memorial Museum, que nos conta como os protestantes foram perseguidos até a Declaração Universal dos Direitos Humanos, após a Revolução Francesa. Os painéis mostrando como, durante mais de dois séculos, os protestantes foram perseguidos naquele país

eram muito didáticos e tinham sido um presente da instituição que, na França, cuida dos museus. Fiquei até me perguntando se todo o museu não teria sido montado pelo governo francês, porque o nível de informação apresentada, os arranjos dos objetos e o apreço à história lembraram bastante a museologia européia, aspecto que não tínhamos visto em Suellendan, por exemplo, onde o acervo era até maior, mas a falta de explicações não valorizava o que ali havia.

No museu de Franschhock, há um bom testemunho do modo de vida das famílias bem abastadas do século XVIII, ainda que no museu de Suellendam, a despeito da falta de explicações, o acervo de móveis e objetos da vida familiar é mais significativo. Nele, adorei conhecer a cozinha tão plenamente bem servida de panelas de cobre e utensílios de madeira e latão de todos os tipos, fazendo nossa imaginação supor o que terão sido as refeições festivas dessa época.

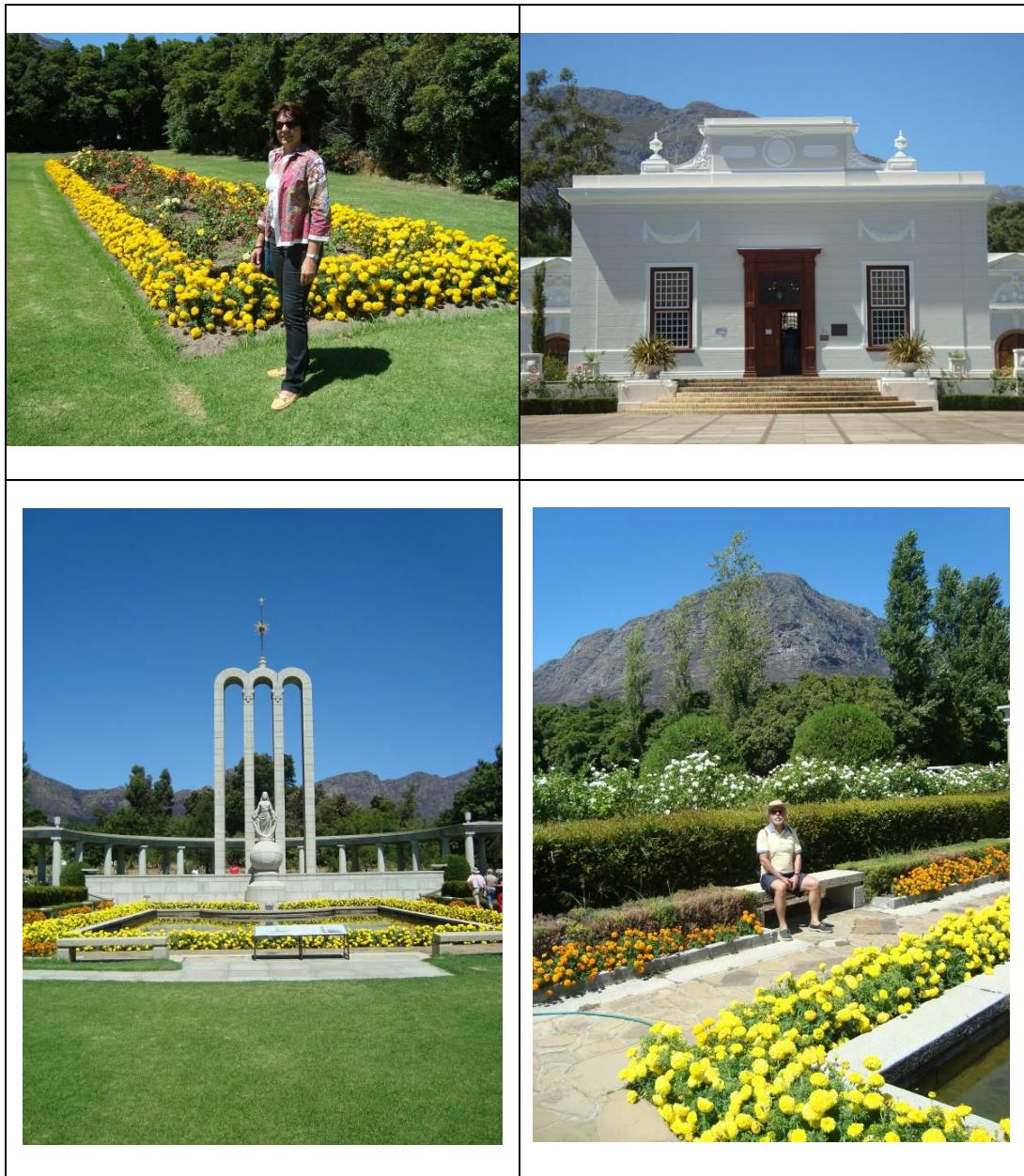
Em Franschhock, almoçamos no "Reubens Restaurant". Um bonito estabelecimento com decoração bastante contemporânea e menu bem diferenciado. Eu, por exemplo, escolhi fígado de avestruz. Isso mesmo! Estava bem sugestionada, depois de passar por algumas áreas de criação dessa ave, ao longo da Garden Route. O prato estava supremo, acompanhado de champignons e molho ao vinho tinto. Durante esse almoço, comecei a recompor a primeira impressão que tive, durante as paradas que fizemos pela Route Garden, de que as mulheres sulafricanas, tanto brancas como negras, são muito gordas, depois dos 30 anos. Nesse restaurante mais elegante e perto de Cape Town, havia várias senhoras, jovens e não tão jovens, bem elegantes. Uma coisa que pouco se vê por aqui são mulheres brancas de cabelos pretos ou castanhos. Eram sempre loiras e tinhas as faces muito rosadas.



À esquerda, o Reuben's Restaurant, em Franschhock.

A seguir, várias fotos do Huguenot Monument, de seu jardim e do museu anexo. Vejam que as montanhas estão sempre compondo as paisagens nessa região Vinhedos do Cabo.





O dia completou-se com a ida a Paarl. No trajeto, continuamos a apreciar as vinícolas e vendo que as mais importantes tinham não apenas pontos de degustação e vendas de seus vinhos, mas também lindos restaurantes com suas varandas e mesas ao ar livre, de preferência embaixo de carvalhos. Parece que ter carvalhos para sombra, por aqui, faz toda diferença. Quando as mesas estão sob outras árvores, não

há qualquer referência especial. Quando estão sob carvalhos, isso passa a ser vendido como parte da imagem de bom serviço dos restaurantes ou hotéis.

Em Paarl, já estava exausta pelo calor do dia e pela jornada longa com tantas coisas novas (nem vou registrar tudo nesse diário), mas Eliseu, sempre a postos, quis subir no alto de uma montanha que está olhando para a cidade.

Sim as montanhas muitas vezes têm olhos e ficam nos espreitando dia e noite; acho que quem nasce em lugarejos assim cercados por elas, devem se sentir protegidos, mas também vigiados, assim como quem mora próximo ao mar deve se sentir destemido, porque o mar sempre nos chama para a liberdade.

Lá estava o Language Monument. Fomos de carro até o parque onde ele se encontra e Eliseu subiu mais 200 ou 300 metros a pé para fotografar de perto aquele objeto moderno (um pouco fálico, é verdade) que representa a fusão de línguas que se mesclam ou convivem na África do Sul. Até mesmo o português é lembrado.



Que dia magnífico!!!! Mas, nada é perfeito porque, na ida para Cape Town, a indicação que fiz no nosso “Manuel”, o GPS, não foi adequada e acabamos na Saint Georges Street, que estava a mais de 40 km da Saint Georges Mall onde, de fato, localizava-se nosso hotel. Além do cansaço do dia (como fez calor!), da quilometragem adicional e do estresse para localizar o hotel (primeira mancada da Agência Terra Mundi conosco, porque nem o telefone do hotel havia no *voucher*), era tarde de domingo e centenas de carros entravam em Cape Town junto conosco (aqueles mesmos que vimos saindo da cidade na tarde de 6^a. feira quando chegávamos a essa região vinícola).

É impressionante o tamanho da favela que está ao longo da autopista que liga o Aeroporto ao centro da cidade. Ela parece-se com as nossas favelas e com aquelas que vimos em Knysna, mas essa de Cape Town é gigantesca e a foto que consegui registrar, com o carro em movimento (não havia um cantinho para se parar com segurança), não é suficientemente ilustrativa da extensão que ela tem (acho que quando chegar a Prudente vou localizá-la no Google Earth).

